

**XVI COLOQUIO INTERNACIONAL DE
GESTIÓN UNIVERSITARIA – CIGU****Gestión de la Investigación y Compromiso Social de la Universidad**Arequipa – Perú
23, 24 y 25 de noviembre de 2016

ISBN: 978-85-68618-02-8

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL: O
CONTEXTO DA UNIVERSIDADE NO EXTREMO OESTE DA AMAZÔNIA****BIANCA CERQUEIRA MARTINS**
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
efbicerq@hotmail.com**FRANCESCA SALLA**
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
francescasalla@gmail.com**RESUMO**

Esta pesquisa objetivou analisar e avaliar os resultados do Estágio Supervisionado obrigatório do curso de Engenharia Florestal, da Universidade Federal do Acre, *Campus Floresta*, entre 2009 e 2013. As informações contidas nos relatórios de conclusão de estágio foram compiladas e analisadas por meio das frequências, absoluta e relativa, de indicadores como: i. Número total e médio, de estagiários ocupados/ano; ii. Porcentagem (%) de estagiários/Instituição/ano; iii. Porcentagem (%) das principais Instituições colaboradoras; iv. Porcentagem (%) de Instituições/área de atuação; v. Indicação dos principais temas trabalhados; e vi. Estimativa de demanda de professores para atender ao ES em sua plenitude. Identificou-se que 131 relatórios foram concluídos, correspondendo a uma média de 26,6 estágios/ano, e um total de 11.790 horas de ES realizado. Os estagiários realizaram suas atividades em 26 instituições dos setores: público, privado e organização civil (terceiro setor). As principais áreas de atuação dessas Instituições foram: Indústria madeireira (17,39%) e Gestão, Extensão e Fiscalização (26,49%). São necessárias adequações organizacionais e operacionais para que o ES possa ser oferecido de acordo com o preconizado pelas normas curriculares estabelecidas para essa modalidade de curso de graduação.

Palavras-chave: Engenharia Florestal, Avaliação, Ensino, Amazônia.

1 Introdução

A obrigatoriedade da realização de Estágio Supervisionado Obrigatório (ES) em cursos de Bacharelado em Engenharia Florestal foi estabelecida pelo Ministério da Educação (MEC) com a Resolução Nº 3/2006, que trata das Diretrizes Curriculares, incluindo o ES nos Projetos Pedagógicos.

Oliveira e Cunha (2006) conceituam o ES como toda atividade exercida pelo aluno que culmina em uma experiência profissional específica, objetivando a aplicação dos conhecimentos adquiridos durante o percurso acadêmico em situações da prática profissional. Essas atividades obrigatórias contribuem para a inserção do aluno no mercado de trabalho e a incorporação de uma visão crítica de sua área de atuação profissional.

Essa modalidade de estágio compreende o conjunto de atividades que culminam na concretização do perfil desejado para o egresso (BRASIL, 2006), fortalece a relação teoria e prática como instrumento de preparação no ensino superior (GUEDES, 2009), além de proporcionar distintos perfis ao final dos cursos de graduação.

Um ponto importante para a compreensão do perfil dos egressos nos cursos de Engenharia Florestal está vinculado ao entendimento de todo o processo relacionado aos estágios, que vai desde a seleção da instituição que o aluno estará vinculado, o eixo temático ao qual esse estará inserido, as atividades que serão desenvolvidas e aperfeiçoadas até o fechamento do relatório final. Este último sendo um importante componente de avaliação do aluno em questão.

Considera-se, então, que a organização e o aperfeiçoamento do ES são dependentes da compreensão dos resultados alcançados ao longo do tempo, o que possibilita a realização dos ajustes necessários de forma participativa, tornando-se essencial a investigação das ações decorrentes do ES, desde a criação do curso, para compreender o cenário existente e avaliar de forma efetiva se este componente da Gestão está cumprindo com os objetivos previamente propostos.

Diante deste contexto, com esta pesquisa, objetivou-se analisar e avaliar os resultados do ES, do curso de Engenharia Florestal, da Universidade Federal do Acre, *Campus* Floresta, entre 2009 e 2013.

2 Fundamentação teórica e metodologia

Por objetivos óbvios, a formação mais tecnicista dos cursos de Engenharia possui uma abordagem que deve estar ligada a demanda existente socialmente, subsidiando assim, o trabalho na sociedade. Os estudos na área de Engenharia Florestal estão intrinsecamente ligados à prática profissional, e devem contribuir no decorrer da vida acadêmica com o fortalecimento na prática do objetivo do ES é assegurar que o discente tenha contato com situações práticas do dia-dia profissional, contextos e instituições, permitindo que os conhecimentos adquiridos, habilidades desenvolvidas e atitudes sejam concretizados na forma de ações profissionais. Esse contato com as atividades profissionais, antes de completada a formação acadêmica, proporciona, também, ao graduando, a vivência de experiências diferenciadas que favorecem a aplicação do aprendizado adquirido em sala de aula em situações reais de trabalho (UFAC, 2013).

O contato com a prática profissional permite que os estudantes percebam as possibilidades e dificuldades que só serão conhecidas a partir de sua vivência com as mais diversas situações cotidianas de trabalho. Muitas reações comunicativas são esperadas quando iniciado o primeiro estágio de alunos ainda em formação, principalmente no que diz respeito ao ambiente físico em que está inserido, e quanto à organização e o planejamento das suas

atividades. Essas reações são mais pronunciadas quando o ambiente em que este está inserido apresenta altos níveis de complexidade (BOSQUETTI e BRAGA, 2008).

Resultados observados por Vieira et al. (2011) evidenciam que ao realizarem o estágio curricular os alunos apresentam maiores níveis de exploração vocacional, desenvolvem a auto eficácia e apresentam o desenvolvimento de planos com mais robustez na sua carreira profissional. Esse processo desenvolve maior determinação em seus objetivos profissionais e maior conhecimento de si próprios e do mercado ao qual serão inseridos. No entanto, vários são os fatores que poderão influenciar os aspectos de desenvolvimento individual de cada estudante, entre eles, as diferenças existentes no nível de personalidade, das formações, das profissões e até mesmo relacionados às diferentes características do mercado de trabalho.

Uma Universidade deve possuir imprescindível articulação entre ensino, pesquisa e extensão, sendo estas indissociáveis. A afinidade nos objetivos destas três funções é exigência importante para constituição de uma Universidade que possa contribuir realmente para a sociedade na qual está inserida. Devendo-se, portanto, obter-se um olhar para a realidade da educação universitária brasileira, dentro do contexto estrutural e conjuntural, identificando seus desafios e buscando caminhos de superação dos principais problemas identificados (SEVERINO, 2010). A articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão reflete, também, no âmbito do ES, uma vez que os conhecimentos adquiridos durante o curso estão dentro de um cenário social conhecido e direcionado a atender as demandas da sociedade local. Caires e Almeida (2000) reforçam a importância da consolidação de uma maior articulação entre a experiência profissional e a própria formação teórica adquirida. Uma vez que, o ES é uma das alternativas avançadas apresentadas pela gestão do ensino superior para responder as lacunas observadas no caráter profissionalizante dos alunos durante os cursos de formação. Porém, ainda são poucos os estudos relacionados à estrutura adotada nas organizações dos estágios e sua respectiva eficácia relacionada aos objetivos propostos.

São necessários, portanto, dentro dos cursos de graduação, uma gestão que viabilize parâmetros de avaliação ao longo dos anos de forma a identificar a realidade dos ES nos cursos estudados, os padrões existentes a nível interinstitucional e promover ações de refinamento e melhoria na qualidade dos ES.

Assim, o compromisso da gestão em nível dos cursos de graduação é importante para incorporar a avaliação como instrumento de responsabilidade democrática. Em casos estudados por Leite (2003), participantes de processos de avaliação institucional manifestam satisfação com estratégias de auto-avaliação desenvolvidas por iniciativas das próprias Universidades. Diante disso, o controle da avaliação institucional nas Universidades promove melhorias na gestão e governança, que são imprescindíveis para a formação e comprometimento com a democracia.

O ES possui influência direta dos setores relacionados à gestão das universidades, bem como o corpo docente que vincularia a relação interinstitucional promovida por ele. Assim, a coordenação do curso, secretaria, orientadores (professores da universidade), preceptores (orientadores das instituições parceiras) são intimamente responsáveis pelo direcionamento e consolidação das ações desenvolvidas pelos alunos em seu primeiro contato com o mercado de trabalho, para a consolidação de sua experiência profissional. Outros fatores, também, influenciam tanto na avaliação promovida pela Instituição, quanto no direcionamento de temáticas que atendam aos diferentes atores (alunos). Esses fatores dizem respeito ao eixo temático trabalhado, regulamentos aprovados em assembleias, o histórico e a formação dos estudantes.

O curso de Engenharia Florestal, da Universidade Federal do Acre, *Campus Floresta*, localizado no extremo oeste do estado do Acre, na Amazônia Legal, possui uma peculiaridade por estar fora do arco de desmatamento. Esta região, chamada Vale do Juruá, possui grande potencial no setor florestal, sendo o Curso importante fator para uma visão diferenciada de

desenvolvimento. O ES no Curso é dividido em duas etapas, que totalizam 180 horas. Este é realizado no último ano, mediante duas disciplinas obrigatórias de 90 horas. Até então, os instrumentos de avaliação do ES neste Curso são a avaliação do relatório entregue pelos alunos das atividades desenvolvidas nas Instituições parceiras e a ficha de avaliação preenchida pelos preceptores.

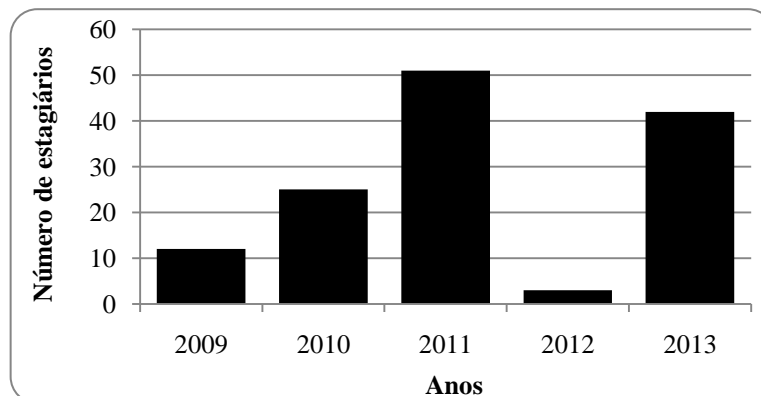
Diante da necessidade de compreender como o ES vem se desenvolvendo ao longo do tempo, foram compiladas para esta pesquisa informações obtidas dos relatórios apresentados pelos alunos, de 2009 até 2013. As análises foram realizadas por meio das frequências, absoluta e relativa, de indicadores como: i. Número total e médio de estagiários ocupados/ano; ii. Porcentagem (%) de estagiários/Instituição/ano; iii. Porcentagem (%) das principais Instituições colaboradoras; iv. Porcentagem(%) de Instituições/área de atuação; v. Principais temas trabalhados (Grandes áreas); e vi. Estimativa de demanda de professores para atender ao ES em sua plenitude.

Neste contexto, esperamos consolidar a prática da avaliação institucional vinculada aos estágios supervisionados para aspirarmos à melhoria do funcionamento do sistema, principalmente, relacionado à efetivação do ES como elo primordial da transição do estudante para o mercado de trabalho. Este aspecto poderá ser útil para qualificar o Programa de Planejamento, Reestruturação e Monitoramento do curso de Engenharia Florestal, melhorar os procedimentos necessários a maior qualidade do ensino nas experiências fora da Universidade, e qualificar de forma efetiva nossos egressos. As práticas de avaliação estão sendo incorporadas às instituições e, segundo Barriga (2003), chegaram para ficar! Eles ressaltam a ideia de que, na América Latina há a necessidade de promover a avaliação institucional de acordo com as nossas necessidades, construindo modelos de avaliação condizentes ao melhor funcionamento do sistema educativo.

3. Resultados e Discussão

Identificou-se 131 relatórios, correspondendo a uma média de 26,6 estágios/ano, e um total de 11.790 horas de ES realizadas. Na Figura 1, observa-se a distribuição dos estagiários anualmente, havendo em 2009 (9,16%); 2010 (18,3%); 2011(38,2%); 2012 (2,3%); 2013 (32,1%). Nota-se que, 2011 e 2013, representaram juntos, cerca de 70% dos relatórios entregues. Verifica-se que o tipo de estágio adotado pelo *Campus* Floresta, pode ser descrito, segundo Ryan et al. (1996), como estágio paracapacitação de um aprendiz. Este é desenvolvido em uma experiência real de trabalho, possuindo o professor da disciplina caráter secundário dentro deste processo. Entretanto, considera-se que o professor-orientador tem um papel fundamental no desenho do plano de trabalho que o estagiário desenvolverá.

Figura 1 - Distribuição anual de eventos de ES, do curso de Engenharia Florestal, entre 2009 e 2013.



Fonte: Programa de Planejamento Reestruturação e Monitoramento - PPRM (2016).

No ano 2012, apenas três discentes apresentaram os documentos comprobatórios das atividades realizadas, acredita-se que, esse distúrbio possa ter sido motivado por alguns supostos tais como: regime de oferta de disciplinas, reprovações associadas asituações de falta de pré requisitos, trancamentos, deficiência de nivelamento de conteúdo, evasão e posterior apresentação de relatório no semestre seguinte, dentre outros. Assim, faz-se necessária uma investigação à cerca desses supostos, para o entendimento real dos problemas existentes no Curso, e que repercutem em um padrão irregular de ES sendo realizados ao longo dos anos.

Foram identificadas 26 Instituições nas quais foram realizadas as atividades do ES. São elas: Embrapa Agrobiologia; Corpo de Bombeiros; Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE; GEOSAT Informática e Tecnologia; Instituto Brasileiro de Meio Ambiente Recursos Naturais Renováveis –IBAMA; Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio; Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Acre –IDAF; Instituto de Meio Ambiente do Acre – IMAC; Laminados Triunfo; Marcenaria F. Ana F. Brito; Marcenaria São Francisco; Móveis Kelly; Secretaria de Estado de Administração Penitenciária– SEAP; Secretaria Estadual de Florestas – SEF; Secretaria de Meio Ambiente do Amazonas – SEMMAM; Secretaria Municipal de Agricultura de Marechal Thaumaturgo – SMANT; Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente – SEMEIA; Sindicato de Trabalhadores Rurais de Mâncio Lima - STR-ML; TIPÓIA Consultoria; Universidade Federal de Viçosa - UFV e UFAC. Na Tabela 1, observa-se o número de estágios desenvolvidos por Instituição e sua distribuição ao longo dos anos, sendo que, o ICMBio e o IMAC, ambos Órgãos Governamentais, foram as Instituições que contaram com o maior percentual de alunos desenvolvendo ES, correspondendo a 25,95% e 23,66%, respectivamente.

Tabela 1 - Instituições apoiadoras do ES do curso de Engenharia Florestal, entre 2009 e 2013.

| INSTITUIÇÃO | NÚMERO DE ESTÁGIÁRIOS/ANO | | | | | TOTAL (%) |
|---------------------------------|---------------------------|-----------|-----------|----------|-----------|------------|
| | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | |
| CNBAP - Embrapa Agrobiologia | | | | | 1 | 0,76 |
| Corpo de Bombeiros | | | | | 2 | 1,53 |
| EMBRAPA | | 1 | 1 | 2 | 3 | 5,34 |
| EMPRETEC | | | | 1 | 3 | 3,05 |
| GEOSAT Informática e Tecnologia | 1 | | | | | 0,76 |
| IBAMA | 2 | 8 | | | | 7,63 |
| ICMBio | 5 | 8 | 6 | | 15 | 25,95 |
| IDAF | | | | | 1 | 0,76 |
| IMAC | 3 | 3 | 19 | | 6 | 23,66 |
| Laminados Triunfo | | 1 | | | | 0,76 |
| Marcenaria F. Ana F. Brito | | | 1 | | | 0,76 |
| Marcenaria São Francisco | | | 1 | | | 0,76 |
| Móveis Kelly | | | 3 | | | 2,29 |
| SEAP | | | | | 1 | 0,76 |
| SEF | 1 | 2 | | | | 2,29 |
| SMAMT | | | 2 | | 1 | 0,76 |
| SEMEIA | | | 14 | | 3 | 10,69 |
| SEMMAM | | | 1 | | 4 | 3,82 |
| STR-ML | | | | | 1 | 0,76 |
| TIPÓIA | | | 2 | | | 1,53 |
| UFV | | 1 | | | | 0,76 |
| UFAC | | | | | 1 | 0,76 |
| TOTAL | 12 | 24 | 50 | 3 | 42 | 131 |

Fonte: PPRM (2016).

Com relação às áreas de atuação das instituições foram identificadas: Apoio e extensão, Fiscalização, Gestão, Proteção, representando (4,35% cada); Licenciamento, Pesquisa, Prestação de Serviços (8,70%); Indústria madeireira (17,39%); e Gestão, Extensão e Fiscalização (26,49%).

Os temas relacionados aos relatórios finais concentraram-se em: Meio ambiente, Melhoramento, Georreferenciamento, Agroflorestas, Agroecologia, Extensão rural, Tecnologia da madeira, Manejo florestal, Morfologia, Botânica, Sementes, Viveiros e mudas e Conservação.

Todos os ES estão concentrados em áreas do eixo profissionalizante e específicas do curso de Engenharia Florestal. O que indica que a realização do estágio deve, a princípio, permanecer ocorrendo nos períodos finais que antecedem a conclusão do curso. Nesta fase, o aluno já possui um rol de conhecimentos capaz de assegurar o desenvolvimento de suas competências, e realizar uma troca de experiências com o preceptor.

No Curso, observou-se que a avaliação do ES se dá apenas mediante a análise do relatório final, não caracterizando os processos existentes antes e após a conclusão do estágio. Sendo necessária a reformulação dos procedimentos organizacionais do ES.

Cabe ressaltar que, nenhum planejamento das atividades de ES foi encontrado em forma documental nos arquivos da Coordenação do Curso. O que demonstra não haver o planejamento Interinstitucional essencial para direcionar o aprendizado dos futuros egressos. Segundo Caires e Almeida (2000), os objetivos do estágio, o desenvolvimento de competências, as adoções de formas e critérios de avaliação e os modos de aproximação do perfil ao meio profissional devem ser debatidos e ajustados, tanto no nível acadêmico, quanto

no âmbito das diferentes entidades que estão envolvidas nessas parcerias. Uma vez que, para cumprir os objetivos propostos no ES o diálogo Interinstitucional é essencial.

Até 2013, apenas um docente dedicou-se à coordenação do ES, permanecendo esse a cargo da Secretaria do Curso, a partir de então passou a ser coordenado por um professor responsável pelo ES como uma disciplina. O saneamento dessa questão visou a adequação a Lei Nº 11.788/2008 (BRASIL, 2008). Assim como, apenas um discente realizou o ES sob a orientação de um professor, embora haja a determinação para o “acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino”. Além disso, a Resolução 01/2008, da UFAC, prevê que a orientação deve se restringir a cinco alunos por professor. Assim, seriam necessários, respectivamente, 2009 (2,4); 2010 (4,8); 2011 (10); 2012 (0,6); 2013 (8,4) professores, apenas para atender a este componente curricular.

Diante do exposto, identificou-se distintos cenários que impedem a realização do ES de forma eficiente. Observando os argumentos de Caires e Almeida (2000), concluímos que, o Curso se encontra dentro de uma perspectiva, que o curso de Engenharia Florestal, ainda possui critérios de avaliação não muito claros, tanto para os alunos quanto para os responsáveis pela avaliação. Indicando que o diálogo entre Instituições e o mercado de trabalho deve ser realizado com os alunos desde os primeiros anos de formação, podendo desta forma, diminuir as dificuldades associadas a entrada destes nos estágios.

É essencial valorizar o propósito do estágio, a relação entre o estágio e os resultados de aprendizagem no âmbito geral de um curso de graduação, assim como a estruturação do estágio dentro do curso, pois este é um componente importante para a educação profissional e possui uma série de deficiências que torna difícil a tomada de conclusões (RYAN et al., 1996). Há que se projetar para o futuro.

4 Considerações Finais

Há que se investigar os possíveis fatores que resultaram na redução de estagiários no ano de 2012. A indústria madeireira, e os Órgãos governamentais de gestão, extensão e fiscalização são os principais segmentos que colaboraram para o fortalecimento do perfil dos profissionais egressos. A avaliação do ES do curso de engenharia florestal se dá apenas mediante a análise do relatório final. Sendo importante a adequação de parâmetros que definam de forma mais clara o direcionamento dos ES, bem como parâmetros de avaliação mais completos. São necessárias adequações organizacionais e operacionais para que o ES possa ser oferecido de acordo com o preconizado pelas normas curriculares estabelecidas para essa modalidade de curso de graduação.

5 Referências

BARRIGA, A. D. **A avaliação no marco das políticas para a educação superior. Desafios e perspectivas.** In: SOBRINHO, J. D.; RISTOFF, D. I. eds. Avaliação e compromisso público – A educação superior em debate. Florianópolis: Insular, p. 77 - 94, 2003, 230p.

____BRASIL. Lei Nº 11.788/2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. 2008. D.O.U. de 26/09/2008, P. 3.

____BRASIL. Decreto Nº 3/2006. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Engenharia Florestal. 2006. DOU de 03/02/2006, Seção I, pag. 33-34.

PPRM. Relatório 02: Marco de Aprendizagem de indicadores de gestão. Programa de Planejamento, Reestruturação e Monitoramento do Curso de Bacharelado em Engenharia Florestal. 2016.

BOSQUETTI, L. S., BRAGA, E. M. Reações comunicativas dos alunos de enfermagem frente ao primeiro estágio curricular. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 42, n. 4, p. 690 – 696, 2008.

CAIRES, S. e ALMEIDA, L. S. Os estágios na formação dos estudantes do ensino superior: tópicos para um debate em aberto. **Revista Portuguesa de Educação**, 13(2), p. 219-241, 2000.

GUEDES, S. T.R. A relação teórica e pratica no estagio supervisionado. IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO-EDUCERE/ III – ENCONTRO DO SUL BRASILEIRO PSICOPEDAGOGIA. 2009.

LEITE, D. **Avaliação institucional, reformas e redesenho capitalista das universidades**. In: SOBRINHO, J. D.; RISTOFF, D. I. eds. Avaliação e compromisso público – A educação superior em debate. Florianópolis: Insular, p. 53 - 76, 2003, 230p.

OLIVEIRA, E. da S. G de; CUNHA, V. L. O estágio supervisionado na formação continuada docente a distância: Desafios a vencer e construção de novas subjetividades. **Revista de Educación a Distancia**, n. 14, 2006.

RYAN, G.; TOOHEY, S.; HUGHES, C. The purpose, value and structure of the practicum in the higher education: A literature review. *HigherEducation*, v. 31, 355 – 377p. 1996.

SEVERINO, A. J. Expansão do ensino superior: contextos, desafios, possibilidades. **Avaliação**, v. 14, n. 2, p. 253-266, 2009.

TONINI, A. M.; LIMA, M. de L. R. de. Atividades complementares: uma abordagem pedagógica para mudar o ensino de engenharia. **Revista de Ensino de Engenharia**, v. 28, n.1, p. 36 - 44, 2009.

VIEIRA, D. A.; CAIRES, S.; COIMBRA, J. L. Do ensino superior para o trabalho: Contributo dos estágios para inserção profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 12, n. 1, p. 29 – 36, 2011.